

## O CONCEITO DE HISTORICIDADE E O REENCONTRO COM O LEITOR NA POESIA DE CORA CORALINA

Alessandra Carlos Costa Grangeiro\*

**Resumo:** Este artigo apresentará uma abordagem da poesia de Cora Coralina, a partir da leitura selecionadora de Darcy França Denófrio, em **Cora Coralina**, sob a perspectiva do conceito de historicidade de João Alexandre Barbosa; mas serão apontadas, por meio do método comparativo, as limitações da teoria de Barbosa, à luz das considerações de Alfonso Berardinelli, visto que a poesia de Cora não apresenta os níveis de experimentação artística apontados, por ele (Barbosa), como uma tendência da poesia moderna, mas, ao contrário, promove, a partir de uma escolha consciente, uma reaproximação com o leitor.

**Palavras-chave:** Cora Coralina. Historicidade. Poesia Moderna.

Uma das tarefas constantes do crítico literário é, a partir da leitura das produções artísticas, elaborar teorias que consigam apreender o fenômeno literário. Além disso, é sempre tentador procurar classificar e sistematizar produções de um determinado período histórico. Foi isso, de certa forma, que fizeram Hugo Friedrich, em *Estrutura da Lírica Moderna*, e João Alexandre Barbosa em *Ilusões da Modernidade*. Esses dois autores são extremamente significativos no que diz respeito à leitura que propuseram para a poesia moderna. Entretanto, um olhar mais abrangente para a poesia produzida a partir do final do século XIX revelará uma multiplicidade da produção que, dificilmente, permitirá a elaboração de uma única teoria que consiga dar conta de toda a sua diversidade. Além disso, percebe-se que, no desejo de elaborar uma teoria, muitas vezes, o crítico faz, necessariamente, um recorte e, nele, evidentemente, inclui a produção de sua preferência e que melhor se adapta à teoria proposta; portanto, a teoria se sustenta, somente, pela seleção do corpus selecionado.

Os avanços formais das produções de Baudelaire, Rimbaud, Mallarmé e das vanguardas européias, na produção da poesia brasileira, resultaram nas conquistas do modernismo que, segundo Benedito Nunes, é onde “se encontram as matrizes históricas mais próximas de nossa época, como o verso livre, a variedade rítmica, o coloquialismo” etc. (NUNES, 1991, p. 172).

A partir do modernismo, Nunes faz um percurso na produção poética brasileira, desde a produção de 45 até a da década de 80. Da observação desse percurso, chega à

---

\* Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Goiás. Professora na Universidade Estadual de Goiás. Diretora Acadêmica da Faculdade Faifa. E-mail: alessandraccosta@gmail.com

conclusão do perfil híbrido da poesia produzida na década de 80, resultado do que ele chamou de esfolhamento das tradições, inclusive da própria tradição moderna (NUNES, 1991, p. 178). Esse perfil híbrido, que, também, pode ser chamado de múltiplo, continua sendo a tendência da produção literária brasileira na década de 90 e na poesia do século 21, embora, permaneça o diálogo com tradição modernista. Segundo Manuel da Costa Pinto, “o diálogo com a tradição modernista tem a função paradoxal de unificar a variedade da produção contemporânea” (PINTO, Ano 1, nº 5, p. 30-31).

Tendo como pressuposto essa multiplicidade de produção, mas com matrizes no modernismo, este artigo apresentará uma abordagem da poesia de Cora Coralina, a partir da leitura selecionadora de Darcy França Denófrio, em *Cora Coralina*, sob a perspectiva do conceito de historicidade de João Alexandre Barbosa, mas serão apontadas as limitações da teoria de Barbosa, visto que a poesia de Cora não apresenta os níveis de experimentação artística apontados, por ele, como uma tendência da poesia moderna. Sendo assim, apontaremos que, sem perda da grandeza, e importância, do ensaio de Barbosa, a teoria se sustenta a partir de um corpus selecionado e o mesmo se aplica ao livro de Hugo Friedrich. Sobre este último, serão apontadas algumas considerações de Alfonso Berardinelli, para, em seguida, relacionarmos essas considerações a Barbosa, visto que observamos que há uma similaridade entre esses críticos no que diz respeito ao recorte, bastante arbitrário, para suas leituras se sustentassem.

### **A Historicidade na Poesia de Cora Coralina: história circunstancial e experiências vividas**

Conforme a explicação de Denófrio a antologia *Cora Coralina* foi organizada a partir do critério cronológico e temático; este predominando sobre aquele. Sem que haja citação das obras às quais os poemas fazem parte, regra geral, os poemas são apresentados na ordem de publicação dos livros que são os seguintes: *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, *Meu livro de cordel*, *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*. A partir de expressões retiradas dos próprios poemas, Denófrio organizou a antologia em sete seções: “Nos reinos de Goiás”, “Canto de Aninha”, “Criança no meu tempo”, “Paraíso perdido”, “Entre pedras e flores”, “Canto solidário” e “Celebrações”.

A observação da essência de cada uma dessas seções já deixa evidente como facilmente se poderá ler esses poemas a partir do ponto de vista do conceito de historicidade, pois essas divisões apontam para elementos históricos *dos reinos de Goiás* e para elementos

resultantes das experiências de Aninha. Na primeira seção, segundo Denófrio, a poetisa olha para fora de si mesma e contempla um Goiás arcaico. Na segunda, o olhar se inverte, pois a voz lírica volta-se para a contemplação de si mesma. Na terceira, há o desvelamento para o leitor de uma educação de um tempo arcaico. Na quarta, novamente, o olhar se volta para um tempo mais distante e revela um modelo patriarcal e, em alguns momentos, matriarcal (domínio de sua bisavó). Nessa seção,

as antigas relações humanas e de trabalho; “os deveres sagrados da hospitalidade” goiana ou sertaneja, enfim, toda uma ética hoje perdida, mas felizmente recuperada por alguém que tinha viva consciência deste dever: “Alguém deve, rever, escrever e assinar os autos do Passado / antes que o Tempo passe tudo a raso”. (DENÓFRIO, 2004, p. 10).

Na quinta, parte “de um universo mais remoto, alcança-se agora o mais próximo, com as marcas de um corpo lírico lanhado, que assume o saldo de sua própria escolha, tentando reverter ou, ao menos, compensar as suas agruras com as flores-poemas” (DENÓFRIO, 2004, p. 11). Na sexta, são reunidos poemas que demonstram um profundo comprometimento com questões humano-cristãs e sociais da autora. Finalmente, na sétima, há a celebração de grandes e pequenas coisas tais como a natureza, o ser humano, a terra. Para que essas questões possam ser vistas a partir da perspectiva do conceito criado por Barbosa, explanaremos, a seguir, as linhas gerais do ensaio dele intitulado “As ilusões da modernidade”.

Para Barbosa, as palavras *início*, *ruptura*, *tradição*, *tradução* e *universalidade* dão conta das relações entre poesia e modernidade. Mas questiona o que seria esse *início*. Este seria o começo de uma relação entre o poeta e a linguagem da poesia; entre o leitor e o poema. Dado que o poeta seria um operador de enigmas, cabe ao leitor não apenas decifrar o poema, mas recifrá-lo, o que exigiria uma reflexão. Veremos adiante, que a poesia de Cora não instaura essa relação entre o poeta e a linguagem, visto que sua poesia promove um reencontro com o leitor, pois não é uma operadora de enigmas.

A poesia moderna, então, seria uma poesia que revela uma consciência de leitura, uma vez que o poema recupera a sua qualidade histórica. Além disso, a linguagem do poema é crítica; o poema, então, configura um espaço em que a criação e a crítica<sup>1</sup> estão vinculadas pela metáfora intertextual; e, portanto, se erige sobre a consciência da historicidade do poeta e

---

<sup>1</sup> Essa questão também é desenvolvida no significativo ensaio “Poéticas da lucidez: notas sobre os poetas-críticos da modernidade”, de Maria Esther Maciel.

da poesia, o que resulta em intersecções culturais. Essa consciência crítica é perceptível na poesia de Cora; entretanto, a questão central da poesia moderna, segundo Barbosa e Walter Benjamin, que é o relacionamento do poeta com a sociedade, não está presente em sua poesia, pelas razões já expostas anteriormente. Esse relacionamento é cheio de conflitos em função da dissolução dos vínculos realistas da poesia, ou seja, da perda de referencialidade por onde a linguagem se desdobra numa múltipla possibilidade de incoerentes leituras da realidade. A coerência ressurgiria na própria composição diagramática do texto que absorve a multiplicidade possível de respostas aos incitamentos da realidade, o que não ocorre em Cora.

De forma resumida, poderia se dizer que a poesia de Cora Coralina pode ser lida a partir do conceito de historicidade, apontado por Barbosa, mas sem o experimentalismo técnico que busca o desvio da referencialidade e, por consequência a autonomia da arte; disso resultaria o conflito entre o poeta e o leitor, uma vez que o leitor deveria não só decifrar a poesia, mas recifrá-la; conflito este inexistente na poesia dessa poetisa.

O conceito de historicidade aponta para a articulação, nos limites do poema, entre as leituras da história circunstancial, o que inclui experiências históricas e pessoais, e as da história literária, que seriam as experiências de leitura do poeta. Se observarmos a poesia de Cora, perceberemos que é possível a sua leitura sob a perspectiva desse conceito.

Antonio Luciano de Andrade Tosta, em “Uma in(ter)venção da memória: a universalização do particular na poesia histórica de Cora Coralina”, faz uma abordagem acerca da poesia de Cora Coralina relacionada à história. Para isso, faz um percurso que tem início na Antiguidade, no tão citado texto de Aristóteles, *Poética*. Esse filósofo estabeleceu algumas diferenças entre o historiador e o poeta: o primeiro escreve sobre o que aconteceu e o segundo sobre o que poderia ter acontecido, embora houvesse personagens e eventos históricos nas produções literárias da época. A separação, a interdependência teórica entre literatura e história, se deu no século XIX, segundo o autor mencionado. Entretanto, no século XX, a literatura, mais uma vez apropriou-se do discurso histórico para elaboração dos conhecidos romances históricos<sup>2</sup>. Depois de fazer uma abordagem acerca dos romances históricos e da história na literatura brasileira, Tosta aborda a história na poesia de Cora Coralina.

---

<sup>2</sup> Não será objeto de nossa discussão, visto que nosso interesse é outro, mas não poderíamos deixar de mencionar que essa apropriação ocorreu bem antes do século XX; talvez caberia mesmo uma discussão de até que ponto houve mesmo uma separação, visto que no romance *Princesa de Clèves*, do século XVI, a única personagem fictícia é ela; os outros todos são históricos.

Para ele, Cora Coralina não fala de eventos de cunho histórico tradicional e nem nos apresenta verdades históricas sistematizadas, pois “seu assunto é o dia-a-dia, os costumes, crenças, ‘casos’, cenas valores e tradições das pessoas simples de sua cidadezinha no estado de Goiás, temas que dificilmente comporiam um estudo histórico mesmo nos dias de hoje” (TOSTA, 2006, p. 20). A história fala acerca de acontecimentos passados, mas nem todos os acontecimentos interessam a ela. Historiadores, normalmente, contam a história do ponto de vista “do soldado e não do comandante”. Acerca disso, Cora tinha consciência, sabia que a história tende a deixar as pessoas comuns de lado; por isso, fez sua opção: falar sobre a vida das pessoas obscuras; daí que, para ela, a lavadeira é objeto de escrita. Os heróis para ela são os *humildes* e os *anônimos*.

Cora Coralina sabia que a escrita é uma forma de preservação do passado e sabia também, como já foi dito, que os historiadores, em geral, preservam-no sob uma perspectiva que não é a de seu interesse; por isso assim declara:

alguém deve rever, escrever e assinar os autos do Passado antes que o Tempo passe tudo a raso. É o que procuro fazer para a geração nova, sempre atenta e enlevada nas estórias, lendas, tradições, sociologia e folclore de nossa terra. Para a gente moça, pois, escrevi este livro de estórias. Sei que serei lida e entendida.

Sendo assim, vemos que Cora revela à geração nova aquilo que a história deixou de registrar; é o que vemos, por exemplo, no poema “Antiguidades”. Cora Coralina, além de não tratar a história do ponto de vista do historiador no que diz respeito à escolha dos acontecimentos que devem ser registrados e preservados, como registrado, por exemplo, no poema “Antiguidades”, também não busca o passado de forma semelhante aos historiadores, pois estes o buscam em registros, em documentos e Cora Coralina, na memória: “ela se baseia na memória, o que põe em dúvida a fidelidade e a autenticidade de seus relatos, visto que o discurso feito a partir da memória é não só vivido, mas também construído” (TOSTA, 2006, p. 27). E, ainda, segundo Pierre Nora, a memória “permanece em constante evolução, aberta à dialética de lembrar e esquecer, inconsciente de sucessivas deformações, vulnerável à manipulação e apropriação, susceptível a um longo sono com períodos de reavivamento” (NORA *apud* TOSTA, 2006, p. 27). A memória, além de conservar e de reconstruir o passado, constrói a identidade e re-afirma as origens e laços; isso é o que faz Cora em sua poesia, por exemplo no poema “O prato azul-pombinho”. Dessas considerações, percebemos

que a história circunstancial, experiências históricas e pessoais, pode ser entrevista na poesia de Cora. Sobre suas experiências pessoais, segundo Darcy França Denófrio,

sobre sua infância, Cora Coralina constrói versos autobiográficos em que nos fala fartamente dessa quadra dolorosa de sua vida em que sofreu a indiferença da mãe [...] a discriminação das irmãs e a insensibilidade de adultos da família. O oásis de sua vida: sua bisavó (Mãe Iaiá), tia Nhorita e, em sua mais recuada “puerícia”, mãe Didi, a ex-escrava que a “alimentou em seus seios fecundos”. Sua poesia não deixa dúvidas quanto a isto. Amava também, profundamente, o seu avô meio filósofo. (DENÓFRIO, 2004, p. 339).

Mas, segundo Barbosa, o conceito de historicidade se refere à articulação entre a história circunstancial, experiências históricas e pessoais, e a literária. A poesia de Cora, também, nos permite entrever, não de forma explícita como em outros poetas, suas experiências de leituras. Para abordarmos essa questão, faremos menção ao artigo de Heloisa Marques Miguel: *A enumeração categorial em Cora Coralina*.

### **A Historicidade na Poesia de Cora Coralina: a experiência de leitura**

A abordagem de Miguel será estilística, visto que ela considera já exaustivos os estudos temáticos acerca da obra dessa poetisa em estudo. Sendo assim, ela fará menção aos elementos de estrutura interna dos poemas, “uma vez que o objeto de estudo estilístico é justamente a adequação dos elementos formais à perfeita unidade do poema. Não podemos dissociar qualquer manifestação da forma de uma exigência interna, determinada pelo conteúdo” (TELES *apud* MIGUEL, 2006, p. 85). Nesse caso, as considerações deixam de ser sob a perspectiva da História e passam ser sob a da Linguística, pois o estilo literário depende da articulação entre a forma e o conteúdo.

Segundo Miguel, embora Cora Coralina não tenha se filiado a nenhuma escola literária, reconheceu a importância do movimento modernista em sua produção, pois, nela, aborda assuntos cotidianos numa linguagem simples, sem métrica e sem a presença de formas regulares e fixas. Sobre o que lia e apreciava assim diz a poetisa:

eu só me libertei da dificuldade poética depois do modernismo de 22, mas não acompanhei o movimento – me achei dentro daquela mudança [...]. Todo poeta é meu preferido. Gosto dos poetas de 22. Mas para mim, o fundamental é a poesia que busque inspiração na realidade. Não suporto os poetas do imaginário que fazem da sua arte caracol das palavras (VELLASCO *apud* MIGUEL, 2006, p. 86).

Cora Coralina não aprecia uma arte que é um “caracol de palavras”. Para Miguel, uma vez que as escolhas temáticas da poetisa se ligam à terra, ao seu povo, às coisas do cotidiano, ela só poderia, também, escolher se expressar através de uma linguagem simples, natural e espontânea, pois, conforme já apontamos, “não podemos dissociar qualquer manifestação da forma de uma exigência interna, determinada pelo conteúdo”. Sobre a questão da escolha dos temas cotidianos e da simplicidade da linguagem, Miguel lança mão do estudo de Davi Arrigucci sobre Manoel Bandeira e estabelece uma relação com Cora. Sobre a questão da extração de efeitos de expressividade através de repetições vocabulares, Miguel aponta, também, as relações existentes entre a poesia de Cora Coralina e a de Drummond: “assim como Drummond e Bandeira, Cora também conseguiu alcançar, pelo uso de repetição, certos efeitos poéticos tais como o ritmo, a sonoridade, a entonação” (MIGUEL, 2006, p. 101).

Além do diálogo com os modernistas, a poesia de Cora permite-nos ouvir ressonâncias da Geração de 60. Segundo Darcy França Denófrio, vários são os poemas de Cora Coralina abertos à intromissão de outros gêneros como é o caso de “Estória do aparelho azul-pombinho” e “O prato azul-pombinho”; neles fundem-se os gêneros épico e lírico. Essa tendência sempre existiu na Literatura Brasileira, mas a sua explosão, segundo Denófrio, se dará com a Geração de 60; dentre vários que poderiam ser citados por ser possível uma relação com a poesia de Cora, citamos Carlos Nejar. Segundo Denófrio:

Cora Coralina, ou porque era esse o momento de sua estréia literária, ou porque convivia com integrantes dessa geração em Goiás, lendo suas obras e até mesmo convivendo com eles, apresenta características desse segmento da tradição discursiva [...], mesclando, no entanto, duas vertentes: a herança lírica e a manifestação épica. Com a mobilidade própria de Cora Coralina, ela flui, com freqüência, também para a vertente de compromisso social e, até mesmo, chega a molhar suas mãos líricas na vertente metapoética, sem, como era de se esperar, demonstrar a convicção de um virtuose no ofício. (DENÓFRIO, 2004, p. 27).

Sobre essa questão das vertentes lírica e épica bem como da da metapoética, faremos menção, também, do estudo de Goiandira Ortiz de Camargo, em *Cora Coralina: uma poética para todas as vidas*. Esse artigo inicia-se com a afirmação de que Cora Coralina viveu, na cidade de Goiás, as duas pontas da vida: a infância e a ancianidade. As experiências vividas pela poetisa mais as histórias ouvidas propiciará o trabalho de rememoração poético e este é, segundo Camargo, o que garante o caráter épico de sua poesia que “criará uma tensão com a subjetividade lírica” (CAMARGO, 2004, p. 59). Portanto, o épico em Cora Coralina aparece

“motivado por experiências vividas em sua comunidade” (CAMARGO, 2004, p. 59). Nesse caso, vemos que o sujeito poético se inscreve nos acontecimentos da comunidade em que relembra: “os movimentos da recordação, própria do lírico, pontuam a memória, espaço da narração épica” (idem, p. 60). Dentro desse contexto, mais do que nunca percebemos a poesia de Cora Coralina como um espaço onde se articulam as histórias circunstancial e literária. Sobre isso nos sugere Camargo (2004, p. 60):

talvez motivada a realizar acertos de contas com o passado, em razão de divergências e descompassos com a sua comunidade, afinal era uma mulher à frente de seu tempo, a poetisa reforça o caráter épico de sua obra com a responsabilidade que toma para si, à semelhança dos rapsodos, de contar e cantar o seu povo, expor as rasuras que a história autorizada pelos livros e pela sociedade cuidaram de encobrir.

Nesse ponto, as afirmações de Camargo convergem para o que citamos anteriormente do estudo de Tosta, bem como para o que Barbosa diz acerca do conceito de historicidade: “traça um painel do Brasil interiorano do final do século XIX e início do XX” (CAMARGO, 2004, p. 61). Ligada à afirmação inicial do seu artigo, Camargo faz uma leitura da obra de Cora Coralina articulada às suas experiências pessoais e históricas. Para isso, aponta, evidentemente, acontecimentos históricos e pessoais; segundo ela, “podemos ver a partida de Cora Coralina como destino que se entrelaça ao da cidade [...] o seu retorno é um marco na história da cidade” (CAMARGO, 2004, p. 60); “a poetisa volta justamente para passar a limpo o passado, acertar contas com o vivido e fundar outro discurso sobre sua cidade” (CAMARGO, 2004, p. 63) “a poetisa assume o papel de rapsoda que vai reconstruir a memória da cidade a partir de sua subjetividade” (CAMARGO, 2004, p. 63).

Essa percepção de Camargo vem ao encontro daquilo que desejamos demonstrar acerca da leitura da poesia de Cora Coralina sob a perspectiva do conceito de historicidade de João Alexandre Barbosa. Conforme ficou demonstrado, a poesia de Cora Coralina pode ser vista como um espaço onde se articulam as leituras das histórias circunstancial e literária; porém não ocorre o que Barbosa afirmou ser a grande paradoxo da poesia moderna: desprezo ao leitor x cumplicidade do leitor. Esse desprezo se daria justamente por elementos, já apontados por Camargo, que não existem na poesia de Cora Coralina: sofisticação das imagens; erudição que se reflete na elaboração formal dos versos; clivagem de leituras da tradição especular nos poemas; capacidade de abstração reflexiva que se afasta da compreensão imediata da realidade ali representada.

Diante do que foi apontado anteriormente sobre a escolha de temas cotidianos, relacionados tanto à história da Cidade de Goiás, quanto à história pessoal de Cora Coralina, tudo isso relacionado às suas filiações poéticas com Bandeira, com Drummond e com a Geração de 60, no que diz respeito à simplicidade da linguagem e à mescla entre os gêneros épico e lírico, fica impossível pensar a poesia de Cora Coralina a partir dessa última citação de Barbosa que está no texto “As ilusões da modernidade”, do qual, também, retiramos o conceito de historicidade para fazermos uma leitura da poesia dessa poeta.

Essa dificuldade advém de uma questão abordada por Alfonso Berardinelli no ensaio “As muitas vozes da poesia moderna” que está publicado no seu recente livro (recente lançamento no Brasil) **Da poesia à prosa**. Nesse livro, a grande referência de Berardinelli é Hugo Friedrich, autor do clássico estudo *A estrutura da lírica moderna*. No início do seu artigo já deixa claro seu posicionamento acerca do estudo de Friedrich: “tem o fascínio da simplificação e da síntese” (BERARDINELLI, 2007, p. 17). Friedrich tentou explicar a lógica construtiva da poesia moderna e, este também é o posicionamento de Barbosa, a partir da perda do vínculo com a racionalidade e o senso comum. A lírica moderna se caracterizaria por categorias negativas: aspiraria a uma transcendência vazia, teria uma linguagem hermética e obscura, produziria um discurso lírico “puro”, pois não estaria ligado às experiências vividas. Berardinelli apontará as falhas dos argumentos de Friedrich, visto que, se por um lado as categorias negativas podem ser encontradas em boa parte da poesia moderna e contemporânea, por outro, elas não determinam nenhuma estrutura profunda comum a essa poesia; visto que, inclusive, Friedrich não menciona a fusão e o rearranjo dos gêneros, procedimentos tão frequentes nessa produção. Para Berardinelli, “a maior parte da poesia do século XX entra com dificuldade no esquema de Friedrich – esquema que se baseia principalmente na centralidade de Mallarmé e de seus seguidores” (BERARDINELLI, 2007, p. 19).

A observação da poesia de Cora Coralina nos demonstra o quanto ela se afasta do esquema de Friedrich: nela não encontramos abstração ou cerebralismo, nem culto da premeditação intelectualista nem impulso da linguagem em direção à transcendência vazia ou em fuga da realidade circundante; mas, nela, encontramos um desejo de comunicar, de compartilhar uma experiência humana que é comum àqueles que foram eleitos pela poeta: os humildes.

Não consideramos a abordagem de Barbosa tão radical quanto à de Friedrich, visto que o primeiro desenvolveu no seu estudo o conceito de historicidade; nesse sentido, os traços

biográficos e históricos, que foram arrancados por Friedrich, são reincorporados à poesia. Entretanto, consideramos que, assim como Friedrich, Barbosa, também, fez um recorte bastante arbitrário e, diga-se, também, duplamente arbitrário; primeiro porque selecionou os poetas que foram selecionados por Friedrich: Baudelaire, Rimbaud, Mallarmé e Valéry, mesmo nesses poetas não há uma visão consensual, visto que Berardinelli demonstrou o recorte feito por Friedrich dentro da própria poesia desses poetas, como é o caso da prosa de Baudelaire; segundo porque seguiu escolhendo poetas que, de alguma forma, em alguns momentos de suas poesias, estabelecem um diálogo com os poetas franceses já mencionados. Mas, assim como Friedrich, comete o erro de fazer recortes não só no cânone, mas também nas próprias produções poéticas dos poetas escolhidos, como é o caso de João Cabral de Melo Neto, Carlos Drummond de Andrade e Murilo Mendes.

### **Considerações Finais**

Cora Coralina escolheu a comunicação clara e intensa com o leitor. Já mencionamos a consciência que possui no que diz respeito à preservação do passado para as novas gerações. Além disso, devemos, ainda, mencionar que da sua produção poética, segundo Camargo, é possível depreender uma *ars poetica*. Vários de seus poemas tais como “Todas as vidas”, “Minha vida”, “Becos de Goiás”, “Meu vintém perdido” e outros, todos destacados por Camargo, “expressam exemplarmente, seus temas a partir de uma ética e de uma posição diante do mundo e da criação poética. São poemas que equilibram a realização poética formal com as raízes que sustentam a sua poesia” (2006, p. 67). Nesse sentido, ainda segundo Camargo, a poetisa restabelece os vínculos que o sujeito poético tem com a cidade.

Com isso, Cora Coralina promove uma reconciliação com o leitor. Assim, a poesia, longe de desejar afastar o leitor de si, tem desenvolvido com ele uma relação de cumplicidade. A poesia de Cora Coralina é o espaço onde se articulam as leituras das histórias circunstancial e literária porque desprezou o *caracol das palavras*, criou uma poesia em que o sujeito da enunciação é entendido. Isso porque desejava ser entendida, inclusive, pela juventude.

### **Referências**

BARBOSA, João A. **As Ilusões da Modernidade**. São Paulo: Perspectiva, 1986.

BERARDINELLI, Alfonso. **Da Poesia à Prosa**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

CAMARGO, Goiandira Ortiz de. Cora Coralina: uma poética para todas as vidas. *In*: DENÓFRIO, Darcy França; CAMARGO, Goiandira Ortiz de. **Cora Coralina Celebração da Volta**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2006.

DENÓFRIO, F. Darcy. **Cora Coralina**. São Paulo: Global, 2004.

FRIEDRICH, Hugo. **Estrutura da Lírica Moderna**. São Paulo: Duas cidades, 1991.

MACIEL, Maria Esther. Poéticas da Lucidez: notas sobre os poetas-críticos da modernidade. *In*:\_\_\_\_\_. **Vôo Transverso**: poesia, modernidade e fim do século XX. Rio de Janeiro: 7 Letras: BH: FALE/UFMG, 1999.

MIGUEL, Heloisa Marques. A Enumeração Categorical em Cora Coralina. *In*: DENÓFRIO, F. Darcy; CAMARGO, Goiandira Ortiz de. **Cora Coralina Celebração da Volta**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2006.

NUNES, Benedito. A Recente Poesia Brasileira: expressão e forma. *In*: **Novos Estudos CEBRAP**, nº 31. São Paulo: out, 1991.

PINTO, Manuel Costa. Um Esboço do Futuro Cãnone Brasileiro. *In*: **Revista ENTRELIVROS**, SP, Ediouro; Duetto Editorial, Ano 1, n. 5.

TOSTA, A. L. Andrade de. Uma In(ter)venção da Memória: a universalização do particular na poesia de Cora Coralina. *In*: DENÓFRIO, F. Darcy; CAMARGO, Goiandira Ortiz de. **Cora Coralina Celebração da Volta**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2006.